

CORPO E EDUCAÇÃO: ENFRENTANDO A GORDOFOBIA DE FORMA EDUCATIVA POR MULHERES DO PROJETO VITRINE GG DE PARNAÍBA-PI.

Luana Santos Aragão Cortez; Carliane de Jesus Souza; Romário Ráwlyson Pereira do
Nascimento (Orientador)

Universidade Federal do Piauí (UFPI)- Campus Ministro Reis Velloso,
luscortez@gmail.com

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo um relato de experiência sobre um grupo de mulheres gordas que se reúnem em busca de empoderamento em meio à tantas represálias geradas pela sociedade. Utilizamos a pesquisa qualitativa de duas mulheres que chamamos de Tulipa e Gardênia (nomes fictícios), e através de seus depoimentos contemplamos a importância da gordoridade no combate à gordofobia, onde o corpo gordo é marginalizado enquanto o magro exerce um poder hierárquico causando transtornos e influenciando na posição social que o primeiro ocupa na sociedade, mas através de espaços de discussões dedicados à essa problemática, pode-se reafirmar a identidade dessas mulheres levando representatividade, diminuindo a violência, o preconceito e a intolerância.

Palavras-chave: Mulheres Gordas; Gordofobia, Prática Educativa.

Introdução

As problematizações apontadas pelas feministas estão adentrando vários espaços da nossa sociedade promovendo vários tensionamentos. Uma das principais bandeiras de luta das feministas é o direito ao próprio corpo, enfatizando desse modo que o corpo da mulher não é de domínio público, mas sim algo que pertence a sua construção pessoal como ser humano. E entre essas questões sobre o direito ao próprio corpo que se insere a luta contra a gordofobia. É perceptível em nossa sociedade a discriminação sofrida por mulheres que se sentem cada vez mais excluídas por conta do padrão de magreza imposto pela indústria da moda e as mídias em geral.

Neste sentido, o seguinte questionamento orienta essa pesquisa: quais estratégias as mulheres gordas podem usar para compreenderem os seus corpos numa perspectiva positiva e distante dos padrões de beleza impostos? Compreendemos que as mulheres gordas sofrem física e emocionalmente por se sentirem ridicularizadas e inferiorizadas pelo seu físico, pois o corpo ideal é o magro. Este corpo magro é o glamurizado e idealizado por muitas, acarretando nessas mulheres gordas problemas de aceitação e fazendo surgir transtornos emocionais e psicológicos

gerando um distanciamento do convívio social, dificultando a interação com as pessoas e até na busca de oportunidades de emprego.

São essas questões que justificam nossos interesses de pesquisa, pois na medida em que as mulheres gordas sofrem com a gordofobia acreditamos ser necessário a promoção de atividades educativas que combatam o preconceito contra mulheres gordas e ao mesmo tempo desperte o empoderamento destas mulheres. Desta feita, a presente pesquisa tem por objetivo elucidar práticas educativas coletivas entre mulheres gordas como estratégia de empoderamento feminino e luta contra a gordofobia a partir das atividades promovidas pelo Projeto Vitrine GG na cidade de Parnaíba-PI.

Metodologia

Buscando atingir o objetivo proposto de elucidar práticas educativas coletivas entre mulheres gordas como estratégia de empoderamento feminino e luta contra a gordofobia a partir das atividades promovidas pelo Projeto Vitrine GG na cidade de Parnaíba-PI, a presente pesquisa se insere no paradigma de pesquisa qualitativa, na medida em que iremos privilegiar o contato real com as participantes desta pesquisa a partir de suas falas (PIANA, 2009). Para esta pesquisa optou-se pela utilização da Pesquisa-ação devido ao seu sentido duplo: “transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações” (HUDSON & SEIBEL, 1998, p.13).

O Projeto Vitrine GG reúne cerca de 36 garotas, foi criado em meados de junho de 2018 e tem por objetivo promover ações educativas e culturais com/para/entre mulheres gordas no intuito despertar a autoestima e o empoderamento. Por meio de atividades diversificadas como “piqueniques”, rodas de conversa, sessão de fotos para modelos *plus size*, práticas de danças e palestras, o projeto pioneiro na cidade de Parnaíba-PI tem conseguido levantar importantes reflexões sobre o corpo feminino gordo.

A presente pesquisa analisa as atividades desenvolvidas no período de junho a julho de 2018, os dados foram coletados a partir de diários de campo produzido pelas pesquisadoras e por meio de entrevistas não estruturadas, entrevistas sem roteiro prévio, feitas de modo espontâneo e realizadas durante as atividades (PIANA, 2009). O diário foi produzido pelas pesquisadoras que relatam nele suas impressões sobre as atividades, na medida em que mais do pesquisadoras, nós vivenciamos de fato as atividades propostas. Foram coletados os depoimentos de duas mulheres participantes do projeto que serão chamadas por nomes fictícios: Gardênia e Tulipa.

Resultados e discussões

“O padrão estético sempre foi e ainda é ditado por valores socioculturais de uma época” (STENZEL, 2003 p. 13), o que leva a entendermos que nem sempre a obesidade foi considerada um fator negativo, na Idade Média a gordura já foi sinônimo de fartura enquanto a magreza demonstrava subnutrição e pobreza o que era relacionado ao poder aquisitivo das pessoas. Contudo, com o tempo os padrões estéticos foram mudando, as regras de etiqueta trouxeram disciplina e autocontrole sobre o corpo como virtudes, surgiu então um novo olhar de conscientização, englobando a saúde e a religião.

No que tange a saúde, aos poucos pesquisas científicas passaram a classificar algumas substâncias como prejudiciais à saúde, como é o caso dos açúcares e das gorduras o que levou a indústria alimentícia a lançar as versões de alimentos *diet e light* em forma de cuidado com a saúde, sendo que nesta época, na década de 80, a obesidade já era considerada uma doença, no entanto, esses alimentos foram aos poucos começando a serem utilizados também para perda de peso o que fez o mercado expandir nesse ramo. Por sua vez a religião, também contribuiu na medida em que os cristãos faziam jejum em forma de sacrifício (STENZEL, 2003).

Atualmente o corpo belo é o corpo magro e definido, o que corpo magro é tanto um padrão de beleza como é considerado saudável. Entretanto, cabe ressaltar, que esse padrão magro é imposto pela indústria da moda e da beleza como também pela indústria alimentícia que encontraram nesse ideal de corpo muitos meios de lucratividade. Portanto, aquele corpo que não é magro, ou seja, o gordo, é considerado um corpo sem saúde, desleixado e preguiçoso, fora dos padrões ideais causando assim desprezo e violência contra a pessoa obesa.

Com um amplo mercado voltado para um emagrecimento, que oferta inúmeros procedimentos, inclusive cirúrgicos, as pessoas passam a culpabilizar o obeso pelo fato dele não emagrecer. Apesar de existirem procedimentos caros, em termos monetários, muitos profissionais indicam práticas simples e diárias que podem promover o emagrecimento, como caminhadas, ingerir alguns alimentos de forma não excessiva, o que leva as pessoas acreditarem que a pessoa gorda não emagrece porque não quer, esse tipo de opinião gera transtornos psicológicos e sociais ao grupo obeso, pois acaba por se constituir em uma violência.

Numa perspectiva pós-identitária dos corpos, compreendemos que na contemporaneidade podem existir uma diversidade de corpos, e não apenas o corpo magro como é imposto, compreendemos ainda que cada corpo é diferente um do outro “assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são inseparáveis” (SILVA, 2000 p.75). Ou seja, é a produção da diferença que garante a

possibilidades de variadas identidades, nessa perspectiva da diferença vários corpos são possíveis.

A partir de Hall (2000), compreendemos que as identidades são produzidas social e historicamente, assim a identidade do corpo magro não é uma verdade absoluta, ela é umas das inúmeras possibilidades que o corpo pode assumir. Compreendemos ainda que a identidade do corpo magro só existe a partir da produção da sua diferença, que é o corpo gordo. De maneira que essas identidades são dependentes. O grande problema é a hierarquização dessas identidades que coloca o corpo magro em um patamar superior, marginalizando o corpo gordo.

Essa compreensão é bastante importante, pois nos possibilita compreender coletivamente que o nosso corpo, o corpo gordo, é uma possibilidade de existência. É por meio desta perspectiva que o Projeto Vitrine GG oferta ações educativas para/com/entre mulheres gordas contribuindo para o despertar da autoestima e do amor próprio. Assim é possível empoderar, na medida em que compreendemos que podemos ser felizes sendo gordas, pois ser gorda não nos diminui, pois, o desprezo com o corpo gordo foi construído culturalmente e pode ser desconstruído.

Para contribuir com as proposições realizamos entrevistas com algumas participantes do Projeto Vitrine GG que afirmaram que depois da criação do grupo se sentem com a autoestima elevada e com uma visão de mundo sobre as questões de peso diferente. Passaram a se aceitar, mudando os comportamentos encontrando a valorização de seus corpos e praticando a *gordoridade*. A narrativa de Gardênia fez perceber essas mudanças positivas nesse contexto. “Mudou muito, à medida com que o meu comportamento mudou, minha visão de mundo também mudou, passei a olhar outros gordos de uma forma mais solidária e percebi as pessoas me olhando com mais empatia e valorização”.

Como pesquisadoras nossa participação no Projeto Vitrine GG não aconteceu apenas para coletar dados para pesquisas acadêmicas, estivemos de fato envolvidas nas atividades pois nos identificamos como mulheres gordas e para melhor demonstrar nosso olhar trazemos a seguir um relato de nosso diário de campo sobre o início das atividades do Projeto

No primeiro contato podemos perceber a timidez de algumas mulheres que compareceram e a indisposição das demais, mas ao compartilharmos de experiências parecidas o grupo foi se soltando e ganhando autonomia ao se expressar e contar cada uma sua história gerando um bom espírito de empatia e solidariedade, naquele instante nasce um grupo que através dos encontros posteriores foi se fortalecendo e despertou em várias mulheres uma autoestima que outrora estava adormecida e um amor próprio que estava esquecido devido tanta opressão proveniente de palavras de insultos gordofóbicos e desestimuladores. (Diário das pesquisadoras, produzido em julho de 2018).

Constata-se assim, que a partir do Projeto Vitrine GG as mulheres passaram a ter um espaço para conversar e trocar suas experiências sobre os preconceitos vividos, no início a timidez, depois a empatia, as atividades promovidas pelo grupo geravam conversas, parte dessas conversas realizadas com o compartilhamento de alimentos variados, umas vezes que eram promovidos piqueniques em praças públicas ou nas casas das participantes. A partir dos relatos constatamos que as violências sofridas pelas mulheres gordas estão em todos os ambientes sociais, inclusive no familiar.

A participante Tulipa corrobora com essa perspectiva pois, para ela “o Projeto é meu momento de falar e ouvir, estou em constante aprendizado quando me envolvo nas reuniões e bate papos sobre o assunto.” Percebemos então a importância de falar e ser ouvida nas práticas entre as mulheres gordas, de maneira que a prática da *gordoridade*, ou seja, *sororidade* entre mulheres gordas. De acordo com Ana Penkala (2014), o termo *sororidade* não possui tradução exata no português, na língua inglesa, *soror* é um termo usado como “irmã” entre religiosas, assim *sororidade* poderia ser traduzida como “irmandade”.

. A partir do conceito de *sororidade*, estamos chamando de *gordoridade* a práticas educativas de cuidado e empoderamento realizadas entre mulheres gordas com o objetivo de lutar contra o padrão estético magro imposto socialmente, que estão sendo desenvolvidas no Projeto Vitrine GG.

Uma das atividades promovidas pelo grupo que teve um impacto bastante positivo foi a criação do Grupo de Dança “Gorda Power”, conforme o relato a seguir

criamos um grupo de dança que tornou-se o carro-chefe do projeto e sob a liderança de uma dançarina gorda desenvolvemos atividades que nos tiraram da zona de conforto e nos tirou do Anonimato diretamente para as redes sociais, onde fomos alvo de muitos elogios e algumas críticas, mas nada tirava o brilho no olhar daquelas mulheres que engavetaram suas roupas, seus passeios, seus projetos e seus sonhos para evitar o contato com a sociedade que não olha os gordos como pessoas normais mas sente necessidade de cobrar emagrecimento como se ser gorda fosse um simples capricho.

A partir do grupo de dança as meninas voltaram a usar roupas que antes não usavam, as coreografias exploravam a sensualidade, durante os ensaios muitas conversas e partilhas. As meninas postavam fotos dos ensaios exibindo os corpos gordos que antes tinham vergonha de expor. A partir dessas atividades percebemos que outras possibilidades de corpos estão sendo vivenciadas por nós participantes do projeto. E assim os nossos corpos, por meio da *gordoridade*, se insurge contra a gordofobia, um corpo que se insurge é um ‘corpo que acontece’ (LAZZARATO, 2006). Fazer um corpo acontecer, para nós, é fazer um corpo uma forma de resistência contra os padrões de beleza impostos.

Conclusões

O Projeto Vitrine GG ainda está em andamento, de modo que estas são análises parciais. As pesquisas iniciais nos levam a compreender que o corpo gordo é sim uma possibilidade de construção identitária, mas que sobre um processo de subalternização e marginalização tendo em vista a manutenção do padrão que é o corpo magro e definido, padrão este mantido pela indústria da moda e da beleza que lucra na medida em que comercializa produtos com foco na magreza. Portanto, diante do reconhecimento desse corpo gordo e de sua desvalorização, é possível encontrar através dos compartilhamentos de relatos entre mulheres gordas formas de empoderamento.

O princípio educativo que se ressalta nessas práticas é o da reaprendizagem de si e do próprio corpo. É possível concluir a partir das análises parciais apresentadas que a *gordoridade*, solidariedade entre mulheres gordas, é um importante dispositivo de enfretamento das violências sofridas por mulheres gordas em razão do padrão do corpo magro e definido. É salutar a criação de espaço onde as mulheres gordas possam falar e ser ouvidas, possam trocar suas experiências para que a partir da empatia possam despertar a autoestima em relação ao seu próprio corpo.

Referências bibliográficas

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo: A política no império**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PENKALA, Ana. **A mulher é o novo preto: pensando identidades a partir das representações arquetípicas de gênero na série Orange is the new black**. Trabalho apresentado IV SIGAM – Simpósio Internacional Gênero, Arte e Memória em novembro de 2014. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/paralelo31/files/2015/03/13dossie04_artigopenkala.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. Disponível em:<<https://static.scielo.org/scielobooks/vwc8g/pdf/piana-9788579830389.pdf>>. Acesso em 10 de setembro.

STENZEL, L.M. **Obesidade: O peso da exclusão**. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS,2003.

SILVA, T.T. A produção social da identidade e dá diferença. In: _____ . **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes,2000, p.73-102.

